



## FAMÍLIAS INTER-RACIAIS NA LITERATURA INFANTIL BRASILEIRA

INTERRACIAL FAMILIES IN BRAZILIAN CHILDREN'S LITERATURE

Sofia Lina Ruiz<sup>1</sup>  
Ayodele Floriano Silva<sup>2</sup>  
Tatiane Cosentino Rodrigues<sup>3</sup>

**RESUMO:** As famílias inter-raciais são uma realidade no Brasil e por isso são foco de estudos no campo das relações raciais. O mencionado campo, ao se encontrar com o da educação e da literatura infantil, tem buscado estudar essas relações a partir da representação de suas personagens. No entanto, verifica-se uma lacuna em pesquisas sobre a representação de famílias inter-raciais nas obras infantis. Então, no presente artigo, resultado de uma pesquisa de iniciação científica desenvolvida com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), analisou-se como famílias inter-raciais são representadas na literatura infantil, a partir do tipo, composição e pertencimento étnico-racial familiar. Para tanto, realizou-se uma pesquisa bibliográfica que contou com cinco etapas que auxiliaram na compreensão de como as famílias inter-raciais são retratadas na literatura para crianças, utilizando-se os textos verbais e não verbais (ilustrações) das obras. Como resultado, verificou-se que: 1) os dois tipos de famílias (adotiva e biológica) foram representadas igualmente; 2) a composição familiar predominante foi de mães brancas e pais negros com filhas e/ou filhos. Nas diversas formações familiares inter-raciais, foi possível verificar questões raciais presentes fora da ficção e que podem ser utilizadas como objeto pedagógico para a reflexão sobre a educação das relações étnico-raciais.

**Palavras-chave:** famílias inter-raciais; literatura infantil; relações étnico-raciais; educação.

**ABSTRACT:** Inter-racial families are a reality in Brazil and therefore are objects of study in the field of race relations. The aforementioned field, when meeting that of children's literature, has sought to study these relationships from the representation of its characters. However, there was a gap in research on the representation of inter-racial families. Therefore, this article, the result of a scientific initiation research developed with funding from CNPq, analyzed how inter-racial families are represented in children's literature, based on family composition and ethnic-racial belonging. For that, a bibliographical research was carried out that had five stages that helped in the understanding of how inter-racial families are portrayed in children's literature, using the verbal and non-verbal texts (illustrations) of the works. It is hoped that this work will contribute to the debate in the field of children's literature and racial relations, bringing to the debate the works that present the different representations of families in children's books.

**Keywords:** inter-racial families; children's literature; ethnic-racial relations; education.

<sup>1</sup>Sofia Lina Ruiz, Graduação em Pedagogia pela Universidade de São Carlos, sofiaruiz@ufscar.br

<sup>2</sup>Ayodele Floriano Silva, Mestrado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, ayodelenina@gmail.com

<sup>3</sup>Tatiane Cosentino Rodrigues, Doutorado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos, tatiane.rodrigues@ufscar.br



## INTRODUÇÃO

A composição étnico-racial das famílias no Brasil é um debate pouco abordado na contemporaneidade, especialmente o aspecto multiétnico dessa composição e seus desdobramentos nas relações sociais. O Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2012) mostra que 31% dos casamentos no Brasil são inter-raciais, porcentagem três vezes maior que a registrada no Censo de 1960, que contabilizou 8% de uniões inter-raciais<sup>4</sup>.

Na articulação entre famílias inter-raciais e literatura infantil, verifica-se uma lacuna no que se refere à representação de núcleos familiares inter-raciais em obras literárias para crianças. Partindo do pressuposto que os livros são objetos que educam a partir representação de textos e imagens, instigando as crianças, jovens e pessoas adultas a olhar e questionar o mundo em que vivem, no presente artigo, pretende-se analisar como as famílias inter-raciais são representadas nessa literatura. Acredita-se que essa temática na literatura infantil possa ser fonte de trabalho pedagógico para a educação das relações étnico-raciais com crianças, jovens, pessoas adultas, educadoras e educadores.

Na primeira parte do artigo, serão utilizados referenciais teóricos relacionados aos estudos sobre: famílias inter-raciais e relações raciais na literatura infantil. Em seguida, na segunda parte, serão descritas a metodologia utilizada, bem como as etapas que auxiliaram na compreensão sobre a representação das famílias inter-raciais em livros infantis. Os resultados, as análises e as considerações finalizam o artigo, apontando características do conjunto de obras analisadas no que se refere ao tipo, composição e pertencimento étnico-racial familiar, além de aferir se as questões raciais levantadas pelo referencial teórico estão presentes nos livros literários infantis.

## OS ESTUDOS SOBRE FAMÍLIAS INTER-RACIAIS NO CAMPO DAS RELAÇÕES RACIAIS

O campo das relações étnico-raciais no Brasil tem se dedicado a compreender as relações imersas na alteridade e construídas historicamente nos contextos de poder e das hierarquias raciais brasileiras, nos quais, segundo Nilma Lino Gomes (2018), a raça opera como forma de classificação social, demarcação de diferenças e interpretação política e identitária num processo histórico, social, político, econômico e cultural.

Como o foco da pesquisa é a representação das famílias inter-raciais, serão apresentados três estudos considerados centrais sobre o tema, a fim de verificar quais são as principais questões para se pensar as relações raciais no âmbito familiar no campo da ficção literária. Será que as mesmas questões apontadas na realidade de famílias inter-raciais estão presentes nos livros infantis?

Na primeira pesquisa, *A cor de Amanda: identificações familiares, mestiçagem e classificações raciais brasileiras*, a autora Lia Vainer Schucman e o autor Felipe Luis Fachim (2016) buscaram compreender como os processos de identificações no interior das dinâmicas familiares constituem formas complexas de auto e heteroclassificações raciais. Por meio de uma revisão teórica sobre o lugar do “mestiço” nas relações raciais

<sup>4</sup> No Censo Demográfico de 2022 não consta a atualização desse dado.



brasileiras e estudo de caso com famílias inter-raciais, o trabalho revelou a complexidade e a sutileza da autoclassificação racial na realidade brasileira.

Na segunda pesquisa, *Minha mãe pintou meu pai de branco: afetos e negação da raça em famílias inter-raciais*, as autoras Lia Vainer Schucman e Belinda Mandelbaum e o autor Felipe Luis Fachim (2017) descrevem as formas pelas quais o negro, a história negra e a ancestralidade negra têm sido negadas no discurso das famílias inter-raciais e em suas dinâmicas de interação familiar. As autoras e o autor utilizaram como metodologia o estudo de caso de duas famílias para pensar qual o lugar da raça nessas dinâmicas. Ao final, a pesquisa aponta que o mecanismo psicossocial de negação é uma das diversas formas de negociar os conflitos e tensões raciais que se enunciam no interior das famílias inter-raciais estudadas.

Na terceira pesquisa, *A cor do amor: características raciais, estigma e socialização em famílias negras brasileiras*, a autora Elizabeth Hordge-Freeman (2018) aborda a dimensão emocional das relações raciais com o foco na forma do processo de racialização presente na linguagem e nas interações familiares. A autora chega à conclusão de que a afeição pode ser distribuída desigualmente, de acordo com as características raciais das pessoas que compõem a família.

Para Hordge-Freeman (2018), uma das especificidades das relações raciais no Brasil é o “preconceito de marca”<sup>5</sup>, ou seja, pelas características fenotípicas das pessoas e não por ascendência. No final do século XIX, estabeleceu-se um projeto de embranquecimento que, segundo Alessandra Devulsky (2021, p. 96), estabeleceu-se como um plano que “funciona, sem dar certo”.

A empreitada colonial de embranquecimento da população [...] funciona no sentido de que o colorismo espraia-se, tornando-se uma categoria suficientemente difusa com força o bastante para fazer com que mais de 56% da população reputa-se fora do padrão de normalidade, de conformidade – e de beleza – do seu próprio país. Por outro lado, o colorismo fracassa porque a mestiçagem não foi capaz de suavizar a africanidade ao ponto de apagá-la, o que permitiu que negros claros e escuros ainda possam se autoidentificar como pertencentes ao mesmo grupo racial (DEVULSKY, 2021, p. 96).

Abdias do Nascimento (2016), por exemplo, discute esse projeto a partir das leis de imigração criadas após a abolição da escravatura. Essas leis foram “concebidas dentro da estratégia maior: a erradicação da ‘mancha negra’ na população brasileira” (NASCIMENTO, 2016, p. 71). Ao mesmo tempo, em que se instalou uma hierarquia racial cromática, uma escala de valores, quanto mais características negras a pessoa apresenta, mais abaixo ela estará nessa hierarquia.

Ao discutirem as hierarquias raciais no interior de famílias inter-raciais, Hordge-Freeman (2018) e Schucman (2018) afirmam que essa lógica vem sendo reproduzida por práticas de observação, vigilância e intervenção em características físicas, como tentativa de alterar, por exemplo, a forma do nariz do bebê. A hierarquia racial vai aparecer também na forma de mães, pais e avós se relacionarem com suas filhas, filhos, netas e netos,

<sup>5</sup> Preconceito de marca foi definido por Oracy Nogueira (2006) na década de 1950 para caracterizar e diferenciar as relações étnico-raciais entre Brasil e Estados Unidos da América (EUA).



apresentando um tratamento diferenciado conforme a proximidade ou não das características negras.

Além das diferenças nas formas de se relacionar, Schucman, Mandelbaum e Fachim (2017) revelam formas de negação<sup>6</sup> nos discursos da família inter-racial, a respeito do negro, da história negra e da ancestralidade negra. A ideia começa como outra forma de embranquecimento, já que dessa forma ocorre um apagamento sobre um dos lados da família. Ao relatar como é a relação do negro, da história negra e da ancestralidade negra com a sua negação dentro família inter-racial, a pesquisa faz referência ao estudo de France Winddance Twine (1998 *apud* SCHUCMAN; MANDELBAUM; FACHIM, 2017) que:

[...] aponta formas e discursos que estabelecem a manutenção do racismo e também a negação do negro e da história negra no interior destas relações. Para ela, existem, nos discursos oficiais dos brasileiros, conteúdos que evidenciam este comportamento de negação da herança negra, justamente nas pessoas negras em relacionamento com pessoas brancas. São eles: a) a ideia de que a discriminação acontece única e exclusivamente por conta da distribuição desigual de renda na sociedade; b) o discurso romântico da identidade nacional do brasileiro, fruto da miscigenação entre brancos, negros e indígenas; c) a ideia de categorização demográfica e hierarquização das pessoas brancas como melhores que as pessoas negras; d) a ideologia de inferiorização da cultura africana em detrimento da europeia e; e) o afastamento do racismo, a partir do discurso de que no passado ou em outros lugares há racismo, mas não no presente (SCHUCMAN; MANDELBAUM; FACHIM, 2017, p. 452).

Os três estudos (SCHUCMAN; FACHIM, 2016; SCHUCMAN; MANDELBAUM; FACHIM, 2017; HORDGE-FREEMAN, 2018) colocam como questões centrais para se pensar as famílias inter-raciais as consequências do racismo de marca presente no Brasil. Essas consequências são os processos de embranquecimento e de hierarquização raciais no âmbito familiar. Sobre esse último processo, hierarquização racial, os estudos se aprofundam e apontam que, na prática, os indivíduos vão se relacionar de formas diferentes com seus familiares, segundo o fenótipo que eles carregam. Outra prática apontada é a negação que pode estar presente de cinco formas: a) desconsideração das desigualdades étnico-raciais; b) afirmação do mito da democracia racial como base da identidade brasileira; c) valorização do ideal branco; d) inferiorização da cultura africana em detrimento da cultura europeia; e e) o afastamento do racismo.

No que se refere à segunda forma de negação, a afirmação do mito da democracia racial, Florestan Fernandes (2008) afirma que esse mito foi inventado para criar a ideia de que o negro é visto como igual pela sociedade, tirando a culpa do branco sobre a diferença de tratamento entre os dois, o branco e o negro, e também para se fazer acreditar que o negro está “satisfeito” no lugar social em que se encontra, com oportunidades iguais entre todos. Dessa forma, populariza-se a ideia de que nunca existiu o preconceito racial, o que reafirma a primeira e a quinta formas de negação apontadas por Twine (1998 *apud* SCHUCMAN; MANDELBAUM; FACHIM, 2017).

Para Schucman (2018), democracia racial também cria a ideia da cegueira racial. A cegueira racial “é a ideia de que para ser antirracista ou para não parecer preconceituoso

<sup>6</sup> Sigmund Freud (2014) relata como a negação é um trabalho do inconsciente para oprimir uma situação desagradável que ocorreu com o sujeito.



é preciso ignorar por completo a ideia de raça e a cor de alguém, já que a raça não diz nada moralmente, intelectualmente ou socialmente sobre uma pessoa” (SCHUCMAN, 2018, p. 114). Dessa forma, é uma continuação viciosa sobre o Brasil considerá-lo como um país sem racismo, atribuição que, durante as entrevistas de Schucman (2018) e Hordge-Freeman (2018), demonstra-se comprovadamente de que não é o caso da sociedade brasileira.

Pensando na forma como as famílias inter-raciais se constituem, é possível identificar duas formas: a biológica e a adotiva. A forma biológica se dá pela união de pessoas de diferentes pertencimentos étnico-raciais. A segunda forma se dá pela adoção de crianças com pertencimento étnico-racial diferente do relativo às pessoas adotantes. Segundo Gisele Ransckoki Gomes *et al.* (2020), atualmente no Brasil, os casais que mais procuram a adoção são formados por pessoas brancas, e, consequentemente, as crianças mais adotadas são as brancas.

Dessa forma, a partir desse dado, é perceptível de que os casais adotantes costumam negar-se a acolher crianças negras e mais velhas, que, a maioria, são deixadas de lado no sistema de adoção. Para ajudar na desconstrução do estereótipo de escolha dos adotantes, há grupos de apoio à adoção, pois, assim, “esses pretendes podem receber acompanhamento de profissionais, tirar suas dúvidas, além de compartilharem seus medos e modificarem o ideário criado por muitas famílias que buscam filhos idealizados” (GOMES *et al.*, 2020, p. 127).

Quanto a isso, Silvana Rufino (2002) mostra que são poucas as pesquisas e discussões a respeito da adoção inter-racial no Brasil, porém as que existem mostram números pequenos para esse tipo de adoção. Por exemplo, “em recente pesquisa, realizada por Weber no ano de 1995 (*apud* WEBER, 1998), em todo Brasil, 31% dos pais brancos adotaram crianças pardas e somente 4,5% adotaram crianças negras” (RUFINO, 2002, p. 83).

Apesar disso, a matéria “Preconceito dos pretendentes em relação à cor da criança na hora de adotar cai ano a ano no Brasil”, publicada no site G1(VELASCO; REIS, 2017), destacou que, mesmo com o aumento de casais que querem adotar crianças sem escolha em relação à cor, apenas 10% das adotadas são negras.

Rufino (2002) e Gomes *et al.* (2020) discutem que os adotantes preferem crianças pertencentes à mesma raça que a deles, por conta da facilidade de adaptação para a sociedade, já que adotar crianças negras, para casais brancos, possibilita ocasiões de preconceito e racismo sofridos pela família. Além disso, Rufino (2002) mostra estudos que citam as diferentes dificuldades de se criar uma família inter-racial, uma vez que é possível que os pais não saibam como educar as crianças negras de modo que elas consigam se identificar como negras e conviver com a cultura negra na sua vida. Porém, com os pais entrando e estudando também a cultura negra, é possível os filhos se autodeclararem como pessoas negras.

Rufino (2002) salienta como é necessário que as adoções inter-raciais sejam vivenciadas e reconhecidas pela criança. Ou seja, um dos trabalhos que pode existir na adoção inter-racial é o reconhecimento das características fisiológicas e culturais que a criança possui. Dessa forma, a criança irá ver o seu pertencimento como membro da sociedade e da família adotiva.

Em conclusão, o campo das relações raciais, ao estudar as famílias inter-raciais, coloca como questão central os desdobramentos do racismo de marca operando tanto nas famílias constituídas de forma biológica quanto nas adotivas. Será que essa questão está

<sup>7</sup> Rufino (2002) refere-se a crianças pretas como crianças negras. Porém, segundo o Estatuto da Igualdade Racial (BRASIL, 2010), o negro engloba o conjunto de pessoas que se autodeclaram como pretas e pardas.



presente na representação de famílias inter-raciais nos livros infantis?

## LITERATURA INFANTIL E RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

A presente pesquisa se insere no encontro dos campos das relações raciais e da literatura infantil. Esse encontro de campos é consolidado a partir da busca por produções que assumam, valorizem e reconheçam a diversidade humana como elemento agregador para a qualidade artística de suas obras. Então, segundo Débora Cristina de Araujo (2018), os estudos que compõem o encontro das relações raciais e da literatura infantil consideram que, entre os critérios que definem a qualidade estético-literária de um livro, está, portanto, o reconhecimento e a afirmação dos grupos humanos em sua diversidade cultural, social, étnica e racial. Boa parte desses estudos se direciona a uma significativa parcela da população que foi histórica e simbolicamente estigmatizada por sua origem africana.

Na pesquisa *As relações étnico-raciais na Literatura Infantil e Juvenil*, Débora Cristina de Araujo (2018) sintetiza trabalhos de mestrado e doutorado sobre a produção literária infantil e juvenil com foco na população negra, através de uma análise predominantemente qualitativa que chega a duas categorias: a análise literária e a escolarização da literatura.

Segundo a autora (D. C. ARAUJO, 2018), na primeira categoria, *a análise literária*, podem ser classificados os estudos que investigam uma ou mais obras de um mesmo autor e cuja característica em comum seja a interface com contextos históricos e sociológicos, em especial do passado. Já na categoria *escolarização da literatura*, podem ser agrupadas pesquisas que, no contexto escolar, investigaram a presença, leitura e interpretação de obras literárias infantis e juvenis. Entre as duas categorias apresentadas, a que se aproxima mais da presente pesquisa é a análise literária, pois apresenta uma interface com o contexto sociológico das famílias inter-raciais, apesar de não estudar um só autor.

É importante lembrar que essas duas categorias, a análise literária e a escolarização da literatura estão intimamente ligadas. A primeira se debruça no conteúdo literário e a segunda se ocupa da forma como esse conteúdo se manifesta no contexto escolar. No que se refere à as relações étnico-raciais na literatura infantil, ao estudarmos o conteúdo literário das obras, é possível: 1) analisar que tipo de conteúdo (palavras, imagens, tipos de representação, ideias) tem chegado para as crianças, jovens e adultos por meio da literatura; 2) pensar junto às educadoras e educadores práticas pedagógicas e formas de mediação, a partir do tema das famílias inter-raciais; 3) refletir, junto às educadoras e educadores sobre as relações étnico-raciais no Brasil.

Na análise literária, trabalha-se basicamente com os principais elementos da narrativa: tempo, espaço e personagem. Nos estudos de análise literária de obras infantis com o foco da população negra, observa-se que as personagens são os principais elementos analíticos. Nesse sentido, estão presentes trabalhos que localizam: a presença e a forma de representação dessas personagens ao longo de um período histórico; e a análise das personagens sob perspectivas temáticas.

Ayodele Floriano Silva (2022) elaborou uma linha do tempo a partir dos estudos de Rosemberg (1985), Gouvêa (2005), Sousa (2005) e Jovino (2017) sobre a presença e a forma de representação das personagens ao longo de um período histórico no Brasil. A autora afirma que há um contexto histórico com grandes mudanças nas personagens negras dentro da literatura infantil. No período de 1920 a 2021, ela identifica que a literatura infantil criou um espaço para as personagens negras conforme o tempo e as mudanças na sociedade. Porém, esse espaço dado às personagens, até 1980, era estereotipado e pejorativo em relação à população negra, enquanto de 1980 a 2000, o



espaço e as representações foram melhorando, porém ainda com visões estereotipadas do racismo.

Segundo Ione Jovino (*apud* Silva 2022), por muito tempo, não havia a construção de personagens negras, mesmo entre 1980 e 2000, uma época de avanço nas obras infantis, mas que ainda criava uma hierarquia racial a respeito das personagens negras, colocando-as em lugares desprestigiados. De acordo com Silva (2022, p. 46):

Essa mudança no cenário literário infantil e infantojuvenil foi atribuída, como já dito, à Lei 10.639/2003 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, ao tornar obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. Debus (2017, p. 37) pontua que a Lei 10.639/2003 influenciou no florescimento de um nicho do mercado editorial a partir da necessidade de livros que trouxessem as questões étnico-raciais, por meio da representação das personagens negras. Jovino (2017) afirma que a aprovação dessa lei e a inserção de quesitos sobre a questão étnico-racial nos editais públicos de distribuição de livros e fomento à leitura teriam instigado o mercado editorial, fazendo surgir um grande número de obras sobre a temática étnico-racial negra.

Entre as perspectivas temáticas para a análise de personagens negras, é possível identificar trabalhos que abordam a paternidade negra (NASCIMENTO; SILVA, 2020); a maternidade negra (SILVA, 2010); e personagens infantis negras. No conjunto de estudos sobre personagens infantis, um leque se abre em subtemas como: meninas e meninos negros na literatura infantil (DEBUS, 2010), personagens infantis femininas (COSTA, 2020; RAIA, 2020); personagens infantis masculinas (ARAUJO; DAMASCENO; ALCÂNTARA, 2020; TRINDADE, 2019); e experiência de personagens infantis negras (SILVA, 2022). Não foram identificadas pesquisas sobre famílias inter-raciais.

O encontro dos campos das relações raciais e da literatura infantil tem produzido pesquisas que podem ser classificadas como análises literárias e escolarização literária. Na análise literária, que tem como foco de estudo a personagem, destacam-se pesquisas sobre a presença e os estereótipos das personagens negras ao longo da história e análise das personagens sob perspectivas temáticas. Observou-se que, apesar de diversos temas serem explorados em relação às personagens negras no campo da literatura infantil e relações raciais, a temática das famílias inter-raciais não foi encontrada. Quando estudamos sobre personagens negras, é importante analisá-las, também, em contextos em que a diversidade étnico-racial está presente na família, afinal essa é uma realidade brasileira que suscita muitas questões, inclusive, vinda das próprias crianças. Essa temática pode fomentar um trabalho interessante sobre construção identitária, diversidade étnico-racial e relações étnico-raciais no Brasil.

Portanto, no presente artigo analisar-se-á de que forma essas famílias são representadas em livros literários infantis, a partir de sua composição e seus pertencimentos étnico-raciais. Se os livros literários são objetos de ficção que nos educam, como as famílias inter-raciais estão sendo representadas? De que forma as relações raciais entre os familiares são representadas? A diferença racial é tratada pelas famílias? De que forma? Quais são os termos utilizados? A seguir, serão apresentadas as etapas metodológicas para a realização de tal tarefa.

## METODOLOGIA

No presente artigo será utilizada a pesquisa bibliográfica para analisar as famílias



inter-raciais nos livros infantis. De acordo com Antônio Carlos Gil (2008), a pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Para essa categoria de pesquisa, são necessárias cinco etapas: a obtenção do acervo, a leitura exploratória, a leitura seletiva, a leitura analítica e a leitura interpretativa.

A obtenção do acervo é a etapa inicial da pesquisa que consiste em selecionar um rol específico de textos. Os acervos utilizados nas pesquisas podem originar-se, por exemplo, de políticas públicas de educação como o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) e o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD), ou de bibliotecas escolares e comunitárias. No caso do presente trabalho, foi utilizado o acervo de livros infantis do Grupo de Pesquisa Educação das Relações Étnico-Raciais da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Esse grupo é composto por pesquisadoras que têm desenvolvido pesquisas e formações para professores e professoras voltadas para o tema da literatura infantil como instrumento para a educação das relações étnico-raciais. Então, na etapa de obtenção do acervo, foram selecionadas as obras com famílias inter-raciais.

A leitura exploratória, no caso dos livros infantis, consiste em um primeiro contato com a totalidade do acervo, buscando uma primeira camada de significados, que se refere aos primeiros afetos despertados pelo livro, que podem ser as ilustrações e as informações catalográficas (GIL, 2008; SILVA, 2022). Ao final dessa primeira leitura, foi produzido um quadro com as capas dos livros e os dados referentes à autoria, ilustração, ano de publicação e editora.

Na leitura seletiva, graças à análise bibliográfica, seleciona-se o material que interessa de fato à questão da pesquisa, utilizando-se como parâmetros os objetivos da abordagem escolhida (GIL, 2008). Então, para compreender como as famílias inter-raciais são representadas na literatura infantil, foram lidos detalhadamente todos os livros do acervo e em seguida foram selecionadas obras a partir de dois critérios: 1) apresentação de personagens de diferentes pertencimentos étnico-raciais que constituam um grupo familiar; e 2) presença de informações textuais verbais e não verbais (ilustrações) que reafirmem a constituição familiar inter-racial. Essa etapa permitiu produzir-se um quadro com as obras selecionadas com suas respectivas capas e resumos, além de breves explicações a respeito dos livros que foram retirados.

Segundo Gil (2008, p. 75), a leitura analítica “tem por finalidade ordenar e sumariar as informações contidas nas fontes, de forma que possibilitem a obtenção de respostas da pesquisa”. Dado que o problema de pesquisa consiste em analisar e compreender as famílias inter-raciais na literatura infantil contemporânea, a partir do tipo de famílias (biológicas ou adotivas), da composição e do pertencimento étnico-racial dos familiares, essas variáveis serão instrumentos de categorização e análise das obras. Cada uma dessas informações será composta por textos verbal e não verbal presentes nos livros.

A leitura interpretativa tem o objetivo de estabelecer a relação entre o conteúdo das fontes pesquisadas e outros conhecimentos, o que significa conferir um alcance mais amplo para os resultados obtidos com a leitura analítica. A interpretação das obras infantis com famílias inter-raciais permitirá relacionar os resultados acerca dos tipos familiares, da composição e do pertencimento étnico-racial das famílias com as questões mobilizadas pelo referencial teórico do campo das relações raciais no que se refere às famílias inter-raciais. O estabelecimento dessa relação entre dados e questões referenciais tem como objetivo responder à seguinte indagação: será que as mesmas questões apontadas na realidade de famílias inter-raciais, como os desdobramentos do racismo de marca operando tanto nas famílias constituídas de forma biológica quanto nas adotivas, estão presentes na representação de famílias inter-raciais nos livros infantis?



## DADOS CATALOGRÁFICOS DO ACERVO

Considerando as etapas descritas no item anterior, na leitura exploratória, foram selecionados livros do acervo do Grupo de Pesquisa Educação das Relações Étnico-Raciais da UFSCar com a presença de famílias inter-raciais. A sistematização dos livros permitiu observações referentes ao ano de publicação, autoria e editora. O acervo é composto por 80 títulos, deste total foram identificados 12 livros com a temática das famílias inter-raciais.

Os períodos de publicação dos livros abrangem um intervalo de 2005 a 2022. Todos os livros foram publicados após 2003. Esse dado reafirma o que Jovino (2017) e Debus (2017) afirmam sobre a influência da Lei nº 10.639 no mercado editorial no que se refere à representação de personagens negras, mesmo em uma família inter-racial. Todos os livros selecionados foram publicados após o ano de 2010, com exceção de *Minha família é colorida* de 2005. Em 2010, foi criada a Lei nº 12.288, que institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica. Pode ser que as duas legislações tenham ampliado o debate acerca das relações raciais e influenciado o mercado editorial novamente.

Sobre a autoria dos livros, é perceptível que a maior parte das obras foi escrita por mulheres, sendo 10 escritoras e 4 escritores. As ilustrações também contaram com mais autoras do que autores. Silva (2022), em sua pesquisa, notou igualmente que a maioria dos livros que fizeram parte do seu acervo foram escritos por mulheres. Esse fenômeno foi percebido por Ana Carolina Lopes Venâncio (2009), com um adendo: o aumento do número de escritoras na literatura infantojuvenil correspondeu a um aumento do número de personagens femininas e infantis. Araujo e Silva (2011) da mesma forma verificaram, em seu levantamento de obras literárias infantis com personagens negras ou com a temática relacionada à cultura e à história africana e afro-brasileira, a predominância feminina na autoria dos livros. Para esses autores, tal fenômeno se reflete nos estudos das áreas relacionadas à criança e à infância.

Notou-se que a editora Edições SM publicou duas obras com famílias inter-raciais, *Selou & Maya: Maya & Selou* (MEANA, 2016) e *Minha família é colorida* (MARTINS, 2005). Conforme o seu site, a editora SM é uma das empresas que fazem parte do Programa Nacional do Livro e do Material Didático, ou seja, tem que oferecer obras que estejam em sintonia com as normativas de Educação como a Lei nº 10.639/2003. Um exemplo é o fato de o livro *Minha família é colorida* (MARTINS, 2005) estar classificado, no site, nas temáticas: diversidade, família e pluralidade cultural. O livro *Selou & Maya: Maya & Selou* (MEANA, 2016) está classificado nas temáticas: arte, brincadeira, cotidiano e imaginação.

A autoria majoritariamente feminina, em consonância com estudos anteriores, revela uma tendência que impacta não apenas a representação de personagens, mas também o aumento da presença feminina na literatura infantojuvenil. Além disso, a atuação da editora Edições SM, alinhada com normativas educacionais, evidencia a relevância das políticas educacionais na promoção da diversidade e pluralidade cultural na literatura destinada ao público infantil. Essas observações ressaltam a interconexão entre a produção literária, a legislação e as transformações sociais, contribuindo para um entendimento mais abrangente da importância da representatividade na construção de narrativas inclusivas e culturalmente diversas.



## APRESENTAÇÃO DAS OBRAS SELECIONADAS

Por meio da leitura seletiva, os livros que interessavam à pesquisa foram lidos detalhadamente e em seguida foram selecionadas obras a partir dos seguintes critérios: 1) apresentar personagens de diferentes pertencimentos étnico-raciais que constituam um grupo familiar; e 2) ter informações textuais verbais e não verbais (ilustrações) que reafirmem a constituição familiar inter-racial.

A partir dos critérios apontados acima, foram excluídos dois livros: *A flor do mato* (PIMENTEL, 2018) e *Lá em casa somos* (MARTINS, 2017). O primeiro, apesar da ilustração apresentar um casal inter-racial, não apresenta tal componente na descrição do texto verbal, por isso, não foi possível identificar as personagens como membros de uma família inter-racial. No segundo livro, *Lá em casa somos* (MARTINS, 2017), apesar de uma família inter-racial estar representada na ilustração, não é possível verificar, nem pela ilustração, nem pelo texto escrito, qual é o parentesco da única criança negra em relação aos outros familiares de outros pertencimentos étnico-raciais.

Os doze livros selecionados serão apresentados em uma ordem cronológica conforme o ano de publicação.

O primeiro livro da seleção, *Minha família é colorida* (MARTINS, 2005), narra a conversa entre mãe e filho depois que este chegou um dia perguntando para a sua genitora por que seu cabelo era diferente do dela e do irmão dele, mas igual ao do seu pai. Com isso, a mãe conta a história de como a família é diversificada e colorida. A ilustração de capa traz quatro membros da família em destaque e Ângelo, menino negro, sorrindo ao centro. A segunda obra, *Olívia tem dois pais* (LEITE, 2010), retrata o dia a dia personagem Olívia com seus dois pais, Raul e Luís. O livro traz diálogos da menina com eles sobre como é ter dois pais. Na capa, a personagem Olívia carrega um gato no colo enquanto tem sua roupa puxada por um cachorro ao fundo.

A terceira obra, *Fuzarca* (ROSA, 2011), descreve a vida animada de dois irmãos que sempre fazem tudo virar diversão, fuzarca. A ilustração de apresentação traz uma criança branca e outra negra brincando felizes em um trem colorido. *Selou & Maya: Maya & Selou* (MEANA, 2016) é o quarto livro da seleção. Trata-se de uma obra inusitada, pois é um livro com duas capas, de modo que a leitura pode ser feita tanto pelo lado de Selou quanto pelo lado de Maya. A parte da personagem Selou apresenta o dia corrido e compromissado. Quando muda para a história de Maya, o livro conta sobre os sonhos de vida da menina com o futuro.

*Olhe para mim* (FRANK, 2014) é a quinta publicação selecionada e narra o processo de aceitação de Kitoko, personagem negra, ao se dar conta da gravidez de sua mãe e do seu medo de ser menos amado. Na capa, a ilustração foca nos rostos de Kitoko e de uma criança branca se olhando de frente com semblantes de apreensão. O livro *Dandara, seus cachos e caracóis* (SUERTEGARAY, 2017) detalha o cabelo cacheado de uma menina negra chamada Dandara. A ilustração da capa traz a cena da personagem Dandara boquiaberta se olhando no espelho com seus cabelos cacheados.

A sétima publicação é *Azizi, o presente precioso* (DIAS, 2019). Nessa história, a mãe da personagem Azizi conta ao filho como foi o dia de seu nascimento e o porquê do seu nome africano. Azizi, um menino negro, aparece sozinho na capa do livro com semblante de tristeza. O livro *Mãe não é uma só, eu tenho duas!* (MATEUS; COMISSO, 2010) conta sobre a vida da personagem Malu, menina branca, com as suas duas mães e como cada uma faz algo diferente para que o seu dia seja bom. A ilustração da capa traz duas mulheres sentadas e uma criança branca no meio – todas as personagens apresentam felicidade.

*A menina sem cor* (EMEDIATO, 2020) narra a história de Mimi, uma menina negra,



que, após conhecer Olívia, uma menina albina, aprende a amar a sua cor de pele. Na capa, todas as personagens da história aparecem, com exceção da protagonista Mimi. A obra *O Tio + Oito* (ZERBINI, 2021) apresenta a história de vida de Pedro, que desde criança escrevia palíndromos, ou seja, palavras ou frases que de trás para frente têm a mesma grafia de quando escritas de frente para trás. A ilustração de capa traz a metade do rosto de um homem negro.

O penúltimo livro da seleção é *Uma família café com leite: uma história sobre adoção inter-racial* (LINO, 2022). Nele, a personagem Tor, menino negro, conta como foi adotado com seu irmão por pais brancos e como era a vida após a adoção. Na capa, as personagens do livro aparecem se abraçando e com os adultos brancos sorrindo e as crianças negras com o semblante não tão felizes. O livro *Fada-bebê* (RAMOS, 2022), conta a história do nascimento de dois irmãos gêmeos que nasceram e ganharam apenas uma fada para cuidar dos dois, até a rainha das fadas perceber o erro e criar outra. Na capa, há dois bebês, um negro e um branco, em um berço, tentando tocar uma fada-bebê negra que voa pelo quarto em meio aos brinquedos.

## ANÁLISE DOS LIVROS

Após selecionadas doze obras, por meio da leitura analítica, organizaram-se os livros em quadros tendo como base que o problema de pesquisa consiste em analisar e compreender as famílias inter-raciais na literatura infantil contemporânea, a partir do tipo de famílias (biológica ou adotiva), da composição e do pertencimento étnico-racial dos familiares. Então, as obras foram analisadas segundo: tipos de famílias, composição familiar e pertencimento racial. Nesta última variável, foram explorados os termos através dos quais as características físicas são descritas.

### Tipos de família

As famílias inter-raciais podem ser constituídas de duas formas, a biológica e a adotiva. Nos doze livros selecionados, metade tem famílias biológicas e a outra metade tem famílias adotivas.

**Quadro 1.** Tipos de famílias inter-raciais.

Famílias adotivas	Famílias biológicas
1. Olhe para mim (FRANK, 2014); 2. Mãe não é uma só, eu tenho duas (MATEUS; COMISSO, 2020); 3. Olivia tem dois papais (LEITE, 2010); 4. Azizi, o presente precioso (DIAS, 2019); 5. Uma família café com leite (LINO, 2022); 6. A menina sem cor (EMEDIATO, 2020);	1. Dandara: seus cachos e caracóis (SUTEREGARAY, 2017); 2. Fuzarca (ROSA, 2011); 3. Minha família é colorida (MARTINS, 2005); 4. O Tio + Oito (ZERBINI, 2021); 5. Fada-bebê (RAMOS, 2022); 6. Selou & Maya: Maya & Selou (MEANA, 2016)

Fonte: elaborado pelas autoras.

A seleção de livros mostrou um equilíbrio nas narrativas que representavam famílias inter-raciais constituídas por adoção e por consanguinidade. Independentemente do tipo, as famílias são representadas por composições diferentes nos livros, o que demonstra a próxima análise.

### Composições familiares



Para as composições familiares, foram consideradas personagens adultas (pais, mães, avós, tios e tias) e infantis (filhos, filhas, irmãos e irmãs), como componentes da família inter-racial. Na constituição do grupo adulto, os livros representaram casais e pessoas adultas sozinhas. A maioria representou a composição adulta em forma de casais, e esses apresentaram uma diversidade: mães e pais; duas mães; e dois pais. As famílias com a representação de uma pessoa sozinha tiveram a predominância de mães (mulheres) como responsáveis pelas crianças.

A maioria dos livros, ao retratar famílias inter-raciais, apresentam adultos representados por casais (10). Nesse universo, oito livros têm a formação do casal constituída por uma mulher e um homem, um com dois homens, e um com duas mulheres. A minoria dos livros (2) representa uma só pessoa adulta como responsável pelas crianças, e essa figura é a mãe. Nenhum livro apresentou a personagem do pai solo ou outra pessoa adulta (avó, avô, tio, tia) como responsável pelas personagens infantis.

Ao cruzar as variáveis tipos de família e composição familiar, é possível observar que a maioria dos livros (5) em que a composição do casal é representada por pessoas adultas heterossexuais, tem como tipo predominante de família a biológica (SUERTEGARAY, 2017; ROSA, 2011; MEANA, 2016; MARTINS, 2005; RAMOS, 2022). Em três obras, os casais heterossexuais constituem famílias adotivas (DIAS, 2019; LINO, 2022; EMEDIATO, 2020). As duas famílias representadas por casais homoafetivos têm o tipo adotivo predominante (LEITE, 2010; MATEUS; COMISSO, 2020). No caso das mães como únicas responsáveis pelas crianças, temos uma família adotiva (FRANK, 2014) e outra biológica (ZERBINI, 2021).

### Pertencimento Racial

A variável pertencimento racial das famílias terá como foco, em um primeiro momento, as personagens adultas e depois todas as personagens. O pertencimento étnico-racial passou pela análise das pesquisadoras, mas também foram verificados quais os termos as autoras e autores utilizaram para classificar as personagens principais.

Para a primeira parte, foi preciso analisar tanto as histórias quanto as ilustrações dos livros, já que, na maioria dos livros, não há uma discussão sobre raça. A análise foi feita para perceber o que seriam as representações de famílias inter-raciais, já que, para definir uma família inter-racial, é preciso olhar e contextualizar o conceito de raça (SCHUCMAN; MANDELBAUM; FACHIM, 2017).

Com isso, é preciso pensar que “raça é uma construção social e a família é uma instituição que se constrói no tecido social na qual está inserida, é preciso pensar que as classificações raciais também são construções” (SCHUCMAN; MANDELBAUM; FACHIM, 2017, p. 443).

Foi possível verificar que a maioria dos livros (5) representa as famílias inter-raciais de tipo biológicas, com pessoas adultas de sexo diferentes, em que a mãe é branca, o pai, negro, com filhos negros e/ou filhas negras. Nenhum livro representou famílias biológicas com pai branco e mãe negra.

Atualmente no Brasil, utilizam-se as categorias do Instituto Brasileiro de Geografia



e Estatística (IBGE) para classificar o pertencimento étnico-racial da população. Os termos utilizados são: amarelo, branco, indígena, pardo e preto. A união de pretos e pardos compõe o grupo das pessoas negras. No entanto, aparecem vários outros termos para denominar os pertencimentos étnico-raciais. O quadro irá apresentar: a ilustração da personagem em questão; se o livro apresenta termos para designar o pertencimento étnico-racial; qual (quais) é (são) o(s) termo(s) e quais as outras características atribuídas às personagens principais.

É perceptível que a maioria dos livros não apresenta o pertencimento étnico-racial de suas personagens. No livro *Uma família café com leite: uma história de adoção interracial!* (LINO, 2022), o termo *pretos como café* se refere aos filhos adotivos do casal branco. O termo *negro* está presente no livro *Olhe para mim* (FRANK, 2014). O último livro a se referir ao pertencimento étnico-racial da personagem é *Minha família é colorida* (MARTINS, 2005) com o termo *bem moreno*.

O livro *Azizi, o presente precioso* (DIAS, 2019) não apresenta de forma escrita as descrições da personagem principal, o menino Azizi. Dessa forma, só é possível saber que o menino é negro a partir das imagens. Apesar disso, a história do livro traz a discussão sobre o seu nome ser de origem africana e mostra suas raízes e ascendência, trabalhando e discutindo a questão racial e o fato de que o menino é diferente dos pais, que são brancos.

Somente um dos livros selecionados descreve a sua personagem como uma pessoa negra: *Olhe para mim* (FRANK, 2014). Outros livros, como *Uma família café com leite* (LINO, 2022) e *A menina sem cor* (EMEDIATO, 2020), descrevem as personagens como tendo a pele cor de chocolate meio amargo e cor de café.

O livro *Minha família é colorida* (MARTINS, 2005) usa a adjetivação de “bem moreno” para descrever sua personagem principal e outras personagens. Em um livro sobre uma família com diversos casais inter-raciais, o colorismo acaba sendo tratado de forma natural, porém pode ser vista como uma forma de embranquecimento e apagamento da cultura negra. Sendo o Brasil um país que olha a classificação racial do ser humano mais pela cor da pele do que pela ancestralidade (SCHUCMAN; FACHIM, 2016),

[...] é preciso pensar que a categoria "cor" no Brasil tem sido usada como uma metáfora de raça e que, segundo Guimarães (1999), a noção de cor e a aparência física, no imaginário da população brasileira, substituíram oficialmente as raças. Ou seja, a cor da pele no Brasil é colada e atrelada à imagem de raça produzida pela ciência moderna. Dentro dessa lógica, quanto mais escura a cor da pele de um indivíduo, mais perto da ideia de raça negra estereotipada e estigmatizada pelo racismo moderno ele está localizado, e quanto mais perto da cor de pele branca, mais *status* e privilégios ele ganha (SCHUCMAN; FACHIM, 2016, p. 184).

Com isso, usar a descrição “bem moreno” pode ser visto como uma forma de embranquecimento da personagem, para que, assim, ela seja aceita pela sociedade e até pela própria família.

A metade dos livros tem como temática as questões raciais, seja sobre racismo, seja sobre pertencimento e percepção de diferença de raças entre os pais, mães, filhos e/ou



filhas. O livro *Uma Família café com leite* (LINO, 2022), por exemplo, discute o preconceito e o racismo na sociedade e como uma família inter-racial vivencia essas situações em diferentes momentos do seu cotidiano.

Livros como *Dandara, seus cachos e caracóis* (SUERTEGARAY, 2017) e *Azizi, o presente precioso* (DIAS, 2019) tratam a questão racial a partir da ancestralidade, trazendo as histórias dos seus antepassados, assim como também no livro *Minha família é colorida* (MARTINS, 2005). O último livro que apresenta questões raciais é *A menina sem cor* (EMEDIATO, 2020), abordando como, em um contexto familiar de tipo adotivo, a criança negra tem dificuldade de amar sua cor de pele, por conta da diferença com as peles dos pais e de outras pessoas à sua volta. Com isso, ela aprende com outra menina (albina) como amar sua pele.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A composição inter-racial das famílias no Brasil é um debate presente no campo das relações raciais, de modo que os trabalhos apontam os processos de embranquecimento, de negação e de hierarquização racial que determinam diferenças na forma com que familiares se relacionam entre si (Hodge-Freeman, 2018; Schucman; Fachim, 2016; Schucman; Mandelbaum; Fachim, 2017). Outros trabalhos do campo vão se direcionar às famílias inter-raciais adotivas (Gomes *et al.*, 2020; Rufino, 2002) e apontar que a maioria das famílias que pretendem adotar são compostas por casais brancos que desejam crianças brancas, enquanto a maioria das crianças que aguardam ser adotadas são pretas e pardas.

Quanto ao possível encontro entre os campos das relações raciais e da literatura infantil, não foram encontradas pesquisas de análise literária ou escolarização literária (D. O. ARAUJO, 2018) que abordassem as famílias inter-raciais em obras para crianças, apesar da importância da temática. Os focos temáticos das pesquisas a respeito do encontro entre esses campos são: a paternidade negra (NASCIMENTO; SILVA, 2020); a maternidade negra (SILVA, 2010); meninas e meninos negros na literatura infantil (DEBUS, 2010); meninas negras (COSTA, 2020; RAIA, 2020); meninos negros (ARAUJO; DAMASCENO; ALCÂNTARA, 2020; TRINDADE, 2019); e a experiência de personagens infantis negras (SILVA, 2022). É nessa lacuna, de ausência de trabalhos sobre a representação de famílias inter-raciais, que, através do presente trabalho, compreendeu-se como grupos familiares com tal característica são abordados nos livros infantis.

Para atingir esse objetivo, utilizou-se a pesquisa bibliográfica com suas cinco etapas para obter o acervo, explorar os livros, selecionar, analisar e interpretar a representação das famílias inter-raciais.

Ao final das etapas, verificou-se que: 1) Com relação aos tipos de famílias inter-raciais, os livros selecionados se equilibram entre biológicas e adotivas; 2) Quanto à composição familiar, a maioria apresentava casais como pessoas adultas responsáveis pelas crianças, sendo uma pequena parcela representada por casais homoafetivos e a maior parte por casais heteronormativos; 3) As famílias biológicas, com casais heteronormativos, são mais representadas nos livros. No entanto, as obras têm



representação, mesmo que pequena, de famílias adotivas homoafetivas; 4) A maioria das famílias inter-raciais biológicas são representadas por pais negros e mães brancas; 5) A metade dos livros selecionados tematiza de alguma forma as questões raciais, seja pelas diferenças entre as pessoas da família, seja por experiências causadas pelo racismo; 6) Poucos livros utilizam termos relacionados aos pertencimentos étnico-raciais das personagens principais – os termos que estavam presentes eram: preto, negro e bem moreno; 7) As características físicas de personagens negras foram descritas em poucos livros e tiveram como referências a textura do cabelo (cabelos volumosos e negros, cabelos com cachos, ondas e caracóis), os lábios (grossos) e a tonalidade da pele (escura e cor de chocolate meio amargo).

Coloca-se, então, diante desses resultados, a seguinte pergunta: Será que as mesmas questões apontadas na realidade de famílias inter-raciais, como os desdobramentos do racismo de marca operando tanto nas famílias constituídas de forma biológica quanto adotivas, estão presentes na representação de famílias inter-raciais nos livros infantis?

Schucman e Fachim (2016) destacaram os processos de identificação no interior das dinâmicas familiares e revelaram a complexidade e a sutileza da autoclassificação racial. Nos livros selecionados, a complexidade dessa identificação étnico-racial pode estar no fato de poucas obras apresentarem o pertencimento das personagens para além da ilustração. A sutileza está presente nos termos que caracterizam uma das personagens negras como “bem moreno” no livro *Minha família é colorida* (MARTINS, 2005).

As formas de negação da história negra e da ancestralidade negra no discurso das famílias inter-raciais e em suas dinâmicas de interação familiar apontadas por Schucman, Mandelbaum e Fachim (2017) aparecem representadas de forma contrária no livro *Azizi, o presente precioso* (Dias, 2019). Nessa obra, os pais brancos adotivos de Azizi, um menino negro, fazem questão de remeter à sua origem africana enaltecedo seus e suas ancestrais. Essa dinâmica também foi verificada em um contexto da família biológica da personagem Dandara em *Dandara: seus cachos e caracóis* (SUERTEGARAY, 2017).

A diferença de afeição conforme as características raciais das pessoas que compõem a família, verificada por Hodge-Freeman (2018), não foi explicitamente abordada nos livros desta pesquisa. Sempre que irmãos de diferentes pertencimentos étnico-raciais eram representados, como nos livros *Fuzarca* (ROSA, 2011) e *Fada-bebê* (RAMOS, 2022), não há diferenciação no tratamento dado pelos adultos para as crianças.

O embranquecimento (DEVULSKY, 2021; NASCIMENTO, 2016) e a mestiçagem como aceitáveis para a sociedade, na intenção de diminuir as pessoas que se autodeclaravam pretas (NASCIMENTO, 2016), não foram verificados de forma explícita nos livros infantis. As famílias inter-raciais, principalmente, as biológicas, não são vistas como um problema. No entanto, o fato de a totalidade das famílias inter-raciais biológicas ser representada por mães brancas e pais negros sugere a negação expressa pelo processo de hierarquização racial (Twine, 1998 *apud* SCHUCMAN; MANDELBAUM; FACHIM, 2017) e de gênero, em que as mulheres negras só estão representadas como mães solo.

Ainda referentemente à negação, foi possível observar em boa parte dos livros a expressão do mito da democracia racial, produzindo um discurso romântico da identidade nacional do brasileiro, fruto da miscigenação entre brancos, negros e indígenas, ao problematizar superficialmente as diferenças de pertencimento entre as pessoas da



família. Boa parte dos livros se atém às questões biológicas para explicar as diferenças. Nesse processo, as narrativas vão se afastando do racismo, ao não se referir a tal problemática como se ela não estivesse presente. O único livro que descreve experiências de racismo vividos por uma família inter-racial adotiva é *Uma família café com leite: uma história sobre adoção inter-racial* (Lino, 2022).

O número expressivo de livros que representam famílias inter-raciais adotivas com pessoas adultas brancas e crianças negras reafirma os dados apresentados por Velasco e Reis (2017), que mostraram um aumento no quantitativo de casais que aceitam adotar crianças independentemente da cor da pele.

Sobre as características da literatura infantil referentes às relações raciais, Silva (2022) apontou avanços, principalmente após a promulgação da Lei nº 10.639/2003, que impactou o mercado editorial ao estabelecer a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana e afro-brasileira. Nesse sentido, a expressiva publicação dos livros analisados após o ano de 2005 pode ser uma indicação dessa mudança. No entanto, a quantidade de livros que representam famílias inter-raciais é bem pequena quando comparada com famílias onde todas as pessoas fazem parte do mesmo grupo étnico-racial.

A análise de livros infantis que retratam famílias inter-raciais suscita diversas questões relevantes, muitas das quais emergem das próprias crianças. Considerando que a literatura infantil enquanto objeto de ficção que educa, as obras analisadas convidam-nos a questionar como as famílias inter-raciais têm sido representadas. A forma como as relações raciais entre os familiares são narradas, a maneira de abordar as diferenças raciais e os termos empregados para tratar desses aspectos são elementos que merecem atenção. Tais representações podem refletir, reforçar ou desconstruir narrativas sobre pertencimento, identidade e convivência em sociedades plurais.

Nesse sentido, a pesquisa indicou que a temática das famílias inter-raciais na literatura infantil possui grande potencial para fomentar reflexões e trabalhos voltados à: construção identitária, à valorização da história e da ancestralidade negra; negação, mito da democracia racial, racismo e as diversas composições familiares.

Esses livros, portanto, oferecem valiosos recursos pedagógicos para a reflexão crítica sobre as relações étnico-raciais. Por meio de textos e imagens, instigam crianças, jovens e adultos a observarem e questionarem o mundo em que vivem, ampliando a compreensão das dinâmicas sociais e históricas que moldam essas relações.

Neste artigo, buscou-se analisar como as famílias inter-raciais são retratadas na literatura infantil e explorar as possibilidades pedagógicas dessa temática. Acredita-se que tais obras possam servir como importantes ferramentas na educação para as relações étnico-raciais, envolvendo não apenas as crianças, mas também educadores, educadoras e famílias em um processo contínuo de aprendizagem e transformação.

## REFERÊNCIAS

- ARAUJO, Débora Cristina de. As relações étnico-raciais na Literatura Infantil e Juvenil. *Educar em Revista*, [s. l.], v. 34, p. 61-76, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/BxCZKXwnP7YjztvMNj5CdGM/?lan>. Acesso em: 28 ago. 2023.



ARAUJO, Débora Cristina de; DAMASCENO, Geane Teodoro; ALCÂNTARA, Regina Godinho de. Meninos negros na literatura infantil e juvenil: corpos ausentes. **REVELL: Revista de Estudos Literários da UEMS**, [s. l.], v. 2, n. 25, p. 284-310, 2020. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=8703606>. Acesso em: 7 set. 2023.

ARAUJO, Débora Oyayomi. Meninas e meninos negros nos livros infantis contemporâneos: três tendências positivas. In: MORO, Catarina; SOUZA, Gizele de (org.). **Educação Infantil: construção de sentidos e formação**. 1. ed, Curitiba, NEPIE/UFPR, 2018. p. 219-241.

ARAUJO, Débora Oyayomi Cristina de; SILVA, Paulo Vinícius Baptista da. Diversidade étnico-racial e a produção literária infantil: análise e resultados. In: BENTO, Maria Aparecida Silva (org.). **Educação infantil, igualdade racial e diversidade: aspectos políticos, jurídicos, conceituais**. São Paulo, CEERT, 2011. p.194-219.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm). Acesso em: 29 nov. 2024.

BRASIL. **Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010**. Institui o Estatuto da Igualdade Racial; altera as Leis nºs 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/lei/l12288.htm). Acesso em: 29 nov. 2024.

COSTA, Vanessa Rosa da. **Protagonismos de meninas negras na literatura infantil contemporânea**. 2020. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/218411>. Acesso em: 5 jan. 2025.

DEBUS, Eliane. **A temática da cultura africana e afro-brasileira na literatura para crianças e jovens**. São Paulo: Cortez, 2017.

DEBUS, Eliane. Meninos e meninas negras na literatura infantil brasileira:(des) velando preconceitos. **Perspectiva**, [s. l.], v. 28, n. 1, 2010. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/782e/6b286cb6cb9efd33927ff78f88cc2721ec23.pdf>. Acesso em: 7 set. 2023.

DEVULSKY, Alessandra. **Feminismos plurais: colorismo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Jandaíra, 2021.

DIAS, Lucimar Rosa. **Azizi, o presente precioso**. 1. ed. São Paulo: Arole Cultural, 2019.

EMEDIATO, Fernanda. **A menina sem cor**. Ilustrado por Yasmin Mundaca. São Paulo: Troia, 2020.

FERNANDES, Florestan. **A Integração do negro na sociedade de classes: ensaio de interpretação sociológica**. 5. ed. São Paulo: Globo, 2008. v. I.



FRANK, Ed. **Olhe para mim.** Ilustração de Kris Nauwelaerts. Tradução de Cristiano Zwiese do Amaral. 1. ed. São Paulo: Pulo do Gato, 2014.

FREUD, S. **A negação.** São Paulo: Cosac Naif, 2014.

GOMES, Gisele Ransckoki; COSTA, Dorival da; SILVA, Rute Simone Costa da; CAMPANA, Simone de Oliveira. Adoção inter-racial e adoção tardia: avanços e desafios na garantia do direito à convivência familiar e comunitária. **Revista Humanidades em Perspectivas**, [s. l.]. v. 2, n. 4, p. 116-130, 2020.

GOMES, Nilma Lino. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e anti-racismo na educação:** repensando nossa escola. São Paulo: Summus, 2001. p.83-95.

HORDGE-FREEMAN, Elizabeth. **A cor do amor:** características raciais, estigma e socialização em famílias negras brasileiras. Tradução Victor Hugo Kebbe. São Paulo: EdUFScar, 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico de 1960.** Rio de Janeiro: IBGE, 1960. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=768>. Acesso em: 29 nov. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010.** Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

JOVINO, Ione da Silva. Personagens Negras na Literatura Infantil brasileira de 1980 a 2000: revisitando o tema. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 38., 2017, São Luís. **Anais** [...]. 2017. Disponível em: [http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho\\_38anped\\_2017\\_GT21\\_696.pdf](http://38reuniao.anped.org.br/sites/default/files/resources/programacao/trabalho_38anped_2017_GT21_696.pdf). Acesso em 28 de agosto de 2023.

LEITE, Márcia. **Olívia tem dois papais.** Ilustrações de Taline Schubach. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2010.

LINO, Michelle Villaça. **Uma família café com leite:** uma história sobre adoção inter-racial. Ilustrações de Rafael Souza. 1. ed. Rio de Janeiro: Crianças Diversas, 2022.

MARTINS, Georgina. **Minha família é colorida.** Ilustrações de Maria Eugênia. São Paulo: Edições SM, 2005.

MARTINS, Isabel Minós. **Lá em casa somos.** Ilustrações de Madalena Matoso. São Paulo: Sesi, 2017.

MATEUS, Nanda; COMISSO, Raphaela. **Mãe não é uma só, eu tenho duas!** Ilustrado por Veridiana Scarpelli. São Paulo: Saíra Editorial, 2020.

MEANA, Lara. **Selou & Maya:** Maya & Selou. Ilustrações de María Pascual de la Torre. Tradução de Graziela R. S. Costa Pinto. 2. ed. São Paulo: Edições SM, 2016.



NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro:** processo de um racismo mascarado. São Paulo: Perspectiva, 2016.

NASCIMENTO, Yago Jose Eloi do; SILVA, Luciana de Mesquita. Masculinidade negra, paternidade e afetividade na literatura infantil: o menino Nito, de Sônia Rosa. **Antares: letras e humanidades**, [s. l.], v. 12, n. 26, p. 207-227, 2020.

NOGUEIRA, Oracy. Preconceito racial de marca e preconceito racial de origem. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 287-308, nov. 2006.

PIMENTEL, Marcelo. **A flor do mato**. Curitiba: Positivo, 2018.

RAIA, Ana Lúcia da Silva. **As meninas negras na literatura infantil sob a perspectiva de olhares plurais:** o que dizem esses olhares?. Dissertação (Mestrado em Educação Básica). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, p. 159. 2020. Disponível em: <http://www.ppgeb.cap.uerj.br/wp-content/uploads/2021/02/Ana-Lucia-Raia-Dissertacao-Ana-2021-REVISAO-CONCLUIDA.pdf>. Acesso em: 5 jan. 2025.

RAMOS, Anna Claudia. **Fada-bebê**. Ilustrado por Simone Matias. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2022.

ROSA, Sonia. **Fuzarca**. Ilustração de Tatiana Paiva. 1. ed. São Paulo: Brinque-Book, 2011.

RUFINO, Silvana. Uma realidade fragmentada: a adoção inter-racial e os desafios da formação de uma família multirracial. **Revista Katálysis**, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 79-88, jan.-jun. 2002. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1796/179618286008.pdf>. Acesso em: 28 ago. 2023.

SCHUCMAN, Lia Vainer. **Famílias inter-raciais:** tensões entre cor e amor. Salvador: EDUFBA, 2018.

SCHUCMAN, Lia Vainer; FACHIM, Felipe Luis. A cor de Amanda: identificações familiares, mestiçagem e classificações raciais brasileiras. **Interfaces Brasil/Canadá**, Florianópolis, Pelotas, São Paulo, v. 16, n. 3, p. 182-205, 2016.

SCHUCMAN, Lia Vainer; MANDELBAUM, Belinda; FACHIM, Felipe Luis. Minha mãe pintou meu pai de branco: afetos e negação da raça em famílias inter-raciais. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 51, n. 2, p. 439-455, jul./dez. 2017.

SILVA, Ayodele Floriano. **Personagens negras infantis:** retalhos de histórias. 2022. Tese (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022.

SILVA, Maria Rodrigues da. **ULOMMA:** a maternidade como vivência de reencantamento pelo sagrado no conto de matriz afro-brasileira. 2010. 83 f. Dissertação (Mestrado em Ciência das Religiões) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2010. Disponível em: [https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4166?locale=pt\\_BR](https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4166?locale=pt_BR). Acesso em: 7 set. 2023.



SUERTEGARAY, Maíra. **Dandara**: seus cachos e caracóis. Ilustrado por Carla Pilla. 2. ed. Porto Alegre: Mediação, 2017.

TRINDADE, Alice Cristina Carvalho da. **Literatura infantil negra**: debatendo a cor do silêncio por meio da ilustração de personagens meninos. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/42580>. Acesso em: 7 set. 2023.

VELASCO, Clara; REIS, Thiago. Preconceito dos pretendentes em relação à cor da criança na hora de adotar cai ano a ano no Brasil. **G1**, 20 nov. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/noticia/preconceito-dos-pretendentes-em-relacao-a-cor-da-crianca-na-hora-de-adotar-cai-ano-a-ano-no-brasil.ghtml>. Acesso em: 28 ago. 2023.

ZERBINI, Caio. **O Tio + Oito**. Ilustração de Bruna Lubambo. 1. ed. São Paulo: Caixote, 2021.